

CIBERCULTURA, SIMULACRO E ESPETÁCULO

*Daiana Souza **

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.

Guy Debord (A Sociedade do Espetáculo)

Ciência e tecnologia triunfaram e fracassaram ao mesmo tempo

AJ. Wojciechowski

Codificadores, decodificadores – nosso próprio terminal, nosso próprio correspondente. Eis o êxtase da comunicação.

Jean Baudrillard (Tela Total)

ASPECTOS DA ATUALIDADE

O homem-máquina é personagem no dia-a-dia. Ele não é mais de lata e nem possui visão de raio x. A automação é uma realidade e fazemos parte dela. Já somos automáticos. Incorporamos o instantâneo, o rápido, o indolor. Nossas casas são carcaças compostas de fios, muitas telas e teclas que, ao serem pressionadas, respondem às perguntas mais simples, com respostas simples também. A tecnologia foi incorporada, não se questiona sua presença. A Internet disponibiliza grande quantidade de informação, e são muitos os meios utilizados para se obter essa informação. Ferramenta de busca específica, como o site Google, propõe uma nova forma de pesquisar. Substitui-se a biblioteca a partir de um clique. É um caminho em meio ao labirinto de coisas que podemos, precisamos ou queremos saber. Dentro deste oceano de informações, não há mais a necessidade de escolha ou análise de uma idéia. Algumas ferramentas de “sugestão” estão disponibilizadas na rede (Costa, 2003). O e-mail permite a troca de mensagens instantâneas

Incorporamos o instantâneo, o rápido, o indolor. Nossas casas são carcaças compostas de fios, muitas telas e teclas que, ao serem pressionadas, respondem às perguntas mais simples, com respostas simples também

em tempo real, assim como o Messenger, dispensando a presença física frente a quem transmite ou recebe a mensagem. As comunidades virtuais reúnem milhões de pessoas que partilham da mesma idéia, gostam das mesmas coisas e falam sobre os mesmos assuntos. Mesmo sem se conhecerem pessoalmente. Apenas mediados por uma tela. A tela, novo personagem na vida dos homens-máquina modernos. Interfaces estão em todos os lugares, mostrando a realidade. Ou será hiper-realidade? (Baudrillard, 1981).

QUESTIONAR A REALIDADE E A CIBERCULTURA

Os pontos colocados acima podem nos levar a pensar sobre o que realmente existe à volta. O domínio da televisão, encarada como “janela para o mundo”, nunca foi tão popular entre a sociedade. A Internet já é algo inimaginável fora da rotina de todos. A realidade está aí, é vista e reconhecida, mas não é mais questionada. Apenas vemos o passar das imagens, os cliques que levam a outros lugares dentro do computador. Os filmes a que assistimos mostram um futuro cada vez mais parecido com o presente, onde máquinas e aparelhos vivem ao lado dos humanos, como extensões do corpo, prolongamento de capacidades naturais, como já dizia McLuhan. Desde a década de 1920 o futuro é a maior expectativa do homem, onde tudo é esperado. Não existe mais o inimaginável. Existe o que ainda não foi descoberto, o que ainda não foi construído. O que ainda não foi pensado. O rompimento total de limites que ultrapassa o real. Passa por cima de qualquer capacidade real da natureza de suportar avanços. O homem não tem mais limite para o futuro. Mesmo que, para construir, seja necessário destruir. A Revolução Industrial do início do

século XX trouxe este propósito claro a todos. É a obsessão pelo rápido e indolor, pelo instantâneo sem rodeios, pelo brilhante com muitas luzes a piscar e vozes metalizadas a dizer “obrigado pela sua ligação”.



Estas são características da Cibercultura, a nova forma de definir nossa sociedade. É a cultura surgida dos modos e expressões da era da informação. Pode-se dizer, sim, que tudo gira em torno da informação. A realidade é cada vez mais exigida, pedida. Pedem-se pelo botão do controle remoto, pelo volume do rádio, pelo movimento do “mouse”. Abrem-se uma, duas, três telas. Todas à sua frente. As escolhas são infinitas. O tempo para escolher é curto. E o caminho também.

De acordo com Baudrillard em *Tela Total*:

As máquinas só produzem máquinas. Isso é cada vez mais verdadeiro na medida do aperfeiçoamento das tecnologias virtuais. Num certo nível maquinal, de imersão na maquinaria virtual, não há mais distinção homem/máquina: a máquina situa-se dos dois lados da interface (BAUDRILLARD, 1997, p. 147).

“As dimensões do próprio tempo confundem-se no tempo real” (BAUDRILLARD, 1997, p. 147). O homem vive o virtual, procura o virtual. Não conhece mais nada que não seja mediado por interfaces. Não há mais o real. O hiper-real, simulação mais real do que o real, predomina. A liberdade que a Internet propõe ao ser humano, de permitir a busca do que quiser, simula uma

liberdade que não existe de verdade. Os limites ainda existem. A informação está ali, mas virtualmente. As relações entre os homens também estão se “virtualizando”. As perguntas automáticas, que pressupõem respostas automáticas, têm tornado as relações descartáveis, passíveis de prazos de validade. As pessoas servem para nós até o momento em que nossa satisfação chegou ao limite. Automação, rapidez, obsessão pelo futuro. “O sujeito realiza-se perfeitamente aí, mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico” (BAUDRILLARD, 1997, p.149).

Fomos tomados pela hiper-realidade? A imagem, antes retrato da realidade, já desmente essa realidade. Depois substitui a falta dessa realidade. Por fim, já não se relaciona com a realidade (Baudrillard, 1981). A cultura do virtual, da informação, a Cibercultura, são reflexos destas definições. Tudo é eletrônico e mediado, o tempo é curto, as opções são infinitas, não correspondem ao que realmente existe para ser escolhido. As relações não fazem parte do real. O ser humano, como é, não é mais aceito. Ele tem que ser uma imagem do que realmente queremos.

O medo do real foi previsto por Guy Debord, em *A Sociedade do Espetáculo*, na década de 1960. A vida tornou-se uma representação, o real é a representação. O real não serve, portanto, a representação preenche o vazio do homem de felicidade e amor. O real não é assim, ele é feio e mau. Tudo é reflexo do medo do real. O homem

*As relações não fazem parte do real.
O ser humano, como é, não é mais
aceito. Ele tem que ser uma imagem
do que realmente queremos*

começou a apelar para interfaces. Um processo natural, excluindo cada vez mais o real e considerando o que aparecia. Se aparece, é porque é. O olho nunca foi tão especial para o humano. O ego, massageado pelo que faz bem, a beleza, de encher os olhos, tudo faz parte do que não é real. Absorvemos irrealidade. A busca incessante pelo futuro, pelo que não existe, pela irrealidade. O pior do ser humano emergiu a partir da exaltação do espetáculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer estes aspectos não é fácil. O desprendimento do hiper-real torna-se possível, a partir da compreensão do que acontece. Ao considerar a possibilidade de questionar, de enxergar além e de pensar que o real existe sim, e não é como queremos ver e nem como vimos, o entendimento surge. O mundo virtual não possibilita modificações no mundo real. E não é por nenhum tipo de mediação que percebemos o mundo como ele é. A fuga do real “verdadeiro” estabeleceu-se, mas o conhecimento perdura.

Conhecer a realidade e questioná-la é necessário para que o futuro não nos surpreenda quando se efetivar. A louca busca pelo futuro faz parte do homem moderno. Mas o futuro não corresponderá aos limites do mundo real. Como será o futuro? O olho, órgão enganador, confirma todas as vontades do homem. Não diz se é verdade ou não. A alienação pode ser permanente se o questionamento for somente uma ilusão.

A busca pelo real, a partir da compreensão de que o medo do real existe e que ele substitui um verdadeiro entendimento, estabelece um novo limite para o homem. Ao construir sua vida a partir de imagens, interfaces e escolhas infinitas, não há limites para o que pode acontecer. Como será o futuro, já que o homem monta em peças pequenas e cada vez mais rápido, fora da realidade? Até quando nos apoiaremos em imagens, em simulações? O que queremos corresponde somente ao ego?

Propor uma nova compreensão do mundo, da sociedade, do que está acontecendo. É a saída para que não afundemos em coisas que, de verdade, não existem. A necessidade de fantasia não pode substituir a verdadeira capacidade de viver na realidade e entendê-la para tentar modificá-la. A automação do homem, a robotização, provoca o afastamento da possibilidade de ver o homem como ele é em sua essência. Não existem respostas automáticas. O homem não pode ser automático. A relação homem/máquina deve ser questionada até onde ela pode ir. As interfaces não podem substituir as imagens reais da vida. O egocentrismo, o narcisismo, são reflexos da sociedade que privilegia o espetacular, o bonito. A superficialidade é incentivada pelas interfaces. Até onde iremos? A tendência à destruição, a guerras cada



vez mais irreais, feitas apenas por imagens pode acabar com o que há de real verdadeiro: o mundo em sua integridade. Os conflitos existem, são mediados, supervalorizados, superelaborados. O medo do real faz parte dos conflitos. E isto acontece porque a intolerância e a incompreensão nos incapacitam de aceitar a verdade (MORIN, 2004). A criação da verdade é mais bela aos olhos e ao coração.

NOTAS

* Estudante de Jornalismo - FAMECOS/PUCRS.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Relógio d'Água: 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**. Porto Alegre, Sulina: 1997.
- COSTA, Rogério da. **A Cultura Digital**. São Paulo, Publifolha: 2003.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Contraponto: 1997.
- MORIN, Edgar. **O Método 6: ética**. Porto Alegre, Sulina: 2005.